# Dia 29 — São Pedro, Mártir

São Pedro, um dos primeiros mártires que deu à Igreja de Deus a sagrada ordem dos pregadores, nasceu em Verona da Lombardia pelos anos do Senhor de 1205, de pais inficionados com a heresia dos cátaros ou maniqueus; mas, como a divina Providência o destinava para açoite deles, preservou-o da infecção em meio do contágio.

Parece que havia nascido com uma aversão natural às máximas desta abominável seita e a todos os que pretendiam imbuí-lo nela. Prevenido interiormente da graça, ainda antes de ter uso de razão, igualmente desprezava os afagos, carícias e solicitações como as ameaças, golpes e maus-tratos dos que desejavam com a maior ânsia instruí-lo desde menino nos elementos de sua heresia.

Olhando o pai esta aversão que mostrava seu filho à doutrina de sua seita como uma teimosia de menino que com a idade poderia corrigir-se, resolveu enviá-lo à escola de um mestre católico, por não o haver em Verona maniqueu. O menino Pedro, de idade então de sete anos, aprendeu com maravilhosa prontidão a doutrina cristã, singularmente o símbolo dos apóstolos, como se ensina na Igreja. Ao sair um dia da escola encontrou-o um tio seu, dos mais furiosamente encaprichados nos erros de sua seita e, perguntando-lhe que lição havia dado aquele dia, o menino começou a recitar-lhe o Credo. Indignado o herege, quis interrompê-lo e começou a ameaçá-lo; mas o menino, sem turbar-se nem fazer caso dele, foi continuando sua lição, e não foi possível ao tio fazê-lo calar até que lhe houve recitado o compêndio de tudo o que cria. Admirado e até enfurecido o herege, foi direito à casa de seu irmão; contou-lhe, cheio de cólera, o que acabava de passar com seu filho; acrescentou que, se isto não se remediava com tempo, algum dia daria muito que fazer a sua seita, e concluiu aconselhando-o que em todo caso não lhe permitisse estudar.

Seja que o pai de nosso Pedro fosse um daqueles que fazem vaidade de ser indiferentes em matéria de religião, seja que pensasse que sempre lhe seria fácil reduzir seu filho ao que lhe parecesse, não fez mais que rir-se e celebrar o lance; e esteve tão longe de não permitir que estudasse que, antes, observando no menino um excelente engenho, enviou-o à universidade de Bolonha e não poupou meio nem diligência alguma para que saísse homem sábio.

Com efeito, foi-o em pouco tempo nosso Pedro; mas, ainda que fez maravilhosos progressos nas letras, foram maiores os que fez na ciência dos santos. Era lastimosa a corrupção de costumes que reinava na juventude daquela universidade; e é verossímil que isto mesmo movesse o pai de nosso Pedro a enviá-lo a Bolonha, parecendo-lhe que, uma vez que a licença dos costumes lhe houvesse estragado o coração, seria fácil apagar dele as impressões da doutrina católica. Mas aquele mesmo Senhor que em Verona havia preservado seu entendimento dos erros conservou-lhe a pureza de coração em Bolonha e assistiu-o para que guardasse uma maravilhosa inocência de vida em meio de tanta dissolução.

Ao passo que a virtude crescia com a idade, crescia com a virtude o medo aos perigos. Cada dia os ia descobrindo novos e maiores: sua viveza, a agudeza de seu engenho, sua idade, sua qualidade, seus nobres modos, todos eram laços contra sua inocência. Conheceu-o e resolveu pôr-se a coberto deles.

Acabava de nascer a santa e célebre religião dos pregadores e, reputando-a todos por porto seguro de salvação e asilo muito próprio para livrar-se das borrascas do século, apenas conheceu Pedro seu instituto resolveu abraçá-lo: foi encontrar o santo fundador, lançou-se a seus pés e lhe pediu com instância que o recebesse por filho e por discípulo.

Então não tinha mais que quinze anos, e descobriu nele São Domingos tanta inocência, prendas tão raras e uma vocação tão visível que logo o admitiu na ordem, prevendo que algum dia havia de ser lustre e ornamento seu. Desde logo confirmou o porte de Pedro o santo fundador no conceito que havia formado dele, porque nenhum noviço começou o noviciado com maior fervor. Eram sem dúvida muito grandes os exemplos que tinha à vista numa comunidade onde todos serviam de modelo; mas ele não só se propôs imitá-los, mas fez esforços extraordinários para ver se podia excedê-los no caminho da perfeição.

Deixando-se levar com demasia do ímpeto de seu fervor, declinou em excessos. Era sua vida um perpétuo jejum e apenas permitia que o cansaço interrompesse por poucos instantes suas vigílias. Rendeu-se logo a tão imoderada austeridade um temperamento tão delicado como o seu. Caiu enfermo o noviço tão perigosamente que chegaram a perder-se as esperanças de sua vida. Conheceram todos que sua excessiva abstinência era causa da enfermidade quando advertiram que se lhe haviam fechado todos os condutos da comida, de maneira que custava muito trabalho fazer-lhe passar o alimento. Em meio disso quis Deus que recobrasse a saúde; e, havendo feito a profissão religiosa, teria aumentado o rigor de sua penitência se a obediência não houvesse moderado e posto limites a seu fervor.

Os progressos que fazia no estudo das ciências eram correspondentes ao que adiantava cada dia no da virtude. Igualmente santo que sábio, dispôs-se logo para espalhar entre os próximos os ardores de seu zelo. Descobriu um talento eminente para o púlpito, uma eloquência varonil e persuasiva, com uma moção que abrandava os mais duros corações. Elevado ao sacerdócio, esta dignidade aperfeiçoou sua virtude e seu talento. Já fazia muito ruído em toda a Itália a fama de nosso santo quando o Senhor quis preservá-lo dos tiros da vaidade por meio de uma das mortificações mais dolorosas e de maior humilhação.

Achava-se em Como, do Milanês, onde o Senhor o favorecia com graças extraordinárias. As doçuras celestiais que recebia na contemplação eram tão grandes que algumas vezes comunicava e falava familiarmente com Deus e com seus santos. Alguns religiosos, demasiadamente zelosos ou não muito afeitos a frei Pedro, figuraram que haviam ouvido a voz de uma mulher com quem falava; acusaram-no ao prior, vestindo a acusação com circunstâncias tão plausíveis que o prelado o repreendeu em público capítulo de sua indiscrição; pois sua virtude não permitia que se cresse dele outra coisa senão que havia tido a indiscrição de deixar entrar em sua cela alguma mulher para ouvi-la de penitência. Ele mesmo contribuiu mais que ninguém para sua condenação, porque, perguntado pelo prior sobre o caso em presença da comunidade, só respondeu que era grande

pecador e que pedia penitência. Impuseram-lha e depois o desterraram ao convento de Jesi, na Marca de Ancona, tirando-lhe a licença de pregar.

Esta dolorosa e humilhante mortificação não só acrisolou sua virtude, mas lhe deu tempo para gozar em seu retiro os consolos celestiais. Empregava no estudo e na oração todo o que não gastava em obras de caridade com os frades e nos exercícios mais humildes e mais penosos da casa. Mas Deus voltou por sua inocência quando o santo estava mais gostoso com sua humilhação: chegou-se a descobrir a falsidade ou a temeridade da acusação; chamaram-no e repuseram-no com honra em suas primeiras funções, o que foi para o humildíssimo Pedro mortificação mais dura e mais insuportável que a primeira.

Dedicado ao ministério da pregação, fez-se em pouco tempo como o apóstolo da Itália. Sentiram e experimentaram os efeitos de seu apostólico zelo a Marca de Ancona, a Romanha, a Toscana, o Bolonhês e o Milanês. Sempre que se deixava ver no púlpito movia os mais duros, convertia os maiores pecadores, e todo o auditório saía ao menos desfazendo-se em lágrimas. Os povos lhe saíam a receber em tropel nos caminhos; e apenas havia pecador nem ainda herege que pudesse resistir à força de suas razões, à eficácia de seus discursos e à poderosa virtude de seus exemplos.

Sendo tão poderoso em obras como em palavras, logo que pregou em Florença acovardaram-se os hereges e, havendo triunfado até então, já não se atreviam a aparecer em público. Persuadiu os católicos a que se coligassem numa espécie de cruzada para lançar de todo o país os hereges; e em menos de seis anos logrou ver católica toda a Toscana. Não perseguiu com menos zelo nem com menos fruto os hereges do Milanês. Não cabendo nas igrejas seu numeroso auditório, via-se obrigado a pregar nas ruas, nas praças e nos campos. Sempre que ia de uma parte a outra anunciava sua chegada o tropel de gente que saía a seu encontro; e nas cidades onde entrava recebia-se-o com repique geral de sinos. Em Milão viram-se obrigados a fazer uma cadeirinha portátil e fechada para conduzi-lo de um lugar a outro, depois de acabar de pregar, sem perigo de que fosse sufocado pela multidão.

Nunca pregou sem lograr maravilhosas conversões, e raras vezes se deixava ver em público sem obrar grandes milagres. Conhecendo bem os hereges que este novo apóstolo não pararia até vê-los exterminados, recorreram ao artifício; e, juntando-os o que era como chefe ou cabeça deles, falou-lhes desta maneira: «Já vedes que o crédito que este frade soube granjear-se neste povo insensato por meio de seus falsos milagres vai ser a ruína total de nossa seita: não há que perder tempo, o mal insta, o remédio deve ser pronto, e eis aqui o expediente que me ocorreu. Eu me acho são e bom como me vedes; fingir-me-ei enfermo, misturar-me-ei entre os demais e, quando passar esse embusteiro, começarei a clamar como eles que me cure; ele então me porá sem dúvida a mão sobre a cabeça, fará o sinal da cruz e dirá que já estou curado. Eu descobrirei a trapaça e farei visível ao povo o embuste de seu pregador.»

Aplaudiram todos o artifício, e logo se pôs por obra, mas com grande confusão do partido. Apresentou-se o herege diante do santo, e este lhe disse: «Se estás enfermo, rogo a Jesus Cristo que te volte a saúde; mas, se estás bom e pretendes enganar-nos, peço ao mesmo Senhor que te ponha mal, para que escarmentes e o povo o glorifique.» No instante caiu desmaiado aquele infeliz, e se apoderou dele uma febre tão ardente e tão maligna que se creu que não poderia

chegar vivo à noite. Vendo-se neste estado, ele mesmo começa a publicar a vozes seu artifício; pede ao santo que se compadeça dele, abjura publicamente a heresia e recobra a saúde da alma e a do corpo.

Não é fácil referir todas as maravilhas que obrou o Senhor por seu servo para confundir os hereges. Muitas vezes se viu ficar mudos os doutores da seita em presença de nosso santo; viram-se desvanecidos os enredos e astúcias do demônio com a força de suas orações; e, por mais que o inferno bramasse contra frei Pedro de Verona, que assim o chamavam os hereges, ele confundia estes e triunfava daquele.

Animada sua fé com o aceso amor que tinha a Jesus Cristo e com a terna devoção que professava à santíssima Virgem, era cada dia mais viva e poderosa. Quando celebrava o santo sacrifício da missa derretia-se em lágrimas, e quando rezava o rosário sempre recebia do céu algum novo e especial favor.

Pelos anos de 1232, vendo com dor o papa Gregório IX [^1] os progressos que ia fazendo a heresia e bem informado da virtude, sabedoria e zelo de nosso santo, fê-lo inquisidor geral de toda a Itália. Este santo tribunal, baluarte firmíssimo da fé, sentinela da religião, terror dos hereges, contra o qual em todos os tempos se têm desatado estes tão furiosamente; este santo tribunal, a quem Espanha, Portugal e Itália devem o haver estado perpetuamente desterrado de seu solo o erro e a mais pronta extinção das heresias; este santo tribunal, volto a dizer, nunca se deixou ver com maior esplendor nem jamais se fez tão temível aos inimigos da religião como quando logrou ter à sua frente nosso Pedro. Estremeceu, bramou de raiva a heresia, especialmente quando Inocêncio IV o confirmou em tão importante emprego. Crescendo o zelo com a autoridade, perseguiu a heresia até em seus mesmos entrincheiramentos e empreendeu lançá-la de toda a Itália.

Mas, ainda que seu zelo era ardente e vigoroso, nunca foi amargo nem violento: seu caráter era em parte a doçura e a mansidão de Jesus Cristo; buscava a conversão do herege, não sua morte. Mas nem por isso se abrandaram os hereges, nem depuseram o medo e o horror que lhe tinham, sabendo bem que, sem converter-se, não havia que esperar quartel nem boa composição; e assim, obstinados em não fazê-lo, conjuraram-se para matá-lo.

Não ignorou o santo inquisidor a conspiração, pois, pregando um dia, disse publicamente: «Já sei que os inimigos de Jesus Cristo e de sua Igreja puseram preço a minha cabeça; mas esta é a maior dita que podem proporcionar-me: fazer que derrame meu sangue pela fé. Muito tempo há que todos os dias peço a Deus esta graça no santo sacrifício da missa. Mas nada ganharão em tirar-me a vida, porque espero fazer-lhes maior guerra depois de morto.»

Havendo sabido os chefes dos sectários que estavam em Milão que o santo se restituía a esta cidade, voltando de seu convento de Como, do qual era prior e aonde havia ido passar a Páscoa, apostaram dois assassinos no caminho para que lhe tirassem a vida. Combinados no preço, foram estes esperá-lo entre Barlassina e Giussano. Um deles, chamado Carino, alcançou o santo, que ia rezando e, desferindo-lhe sobre a cabeça dois furiosos golpes de machado, deixou-o por morto. Lançado por terra o santo mártir e nadando em seu mesmo sangue, reanimou todos os seus espíritos e começou a rezar o símbolo da fé, enquanto o assassino estava dando punhaladas a seu companheiro, que se chamava frei Domingos; mas, advertindo que o santo inquisidor se havia

levantado e posto de joelhos para acabar o Credo, deixou o companheiro, voltou a ele como uma fúria, meteu-lhe pelo peito o estoque até a guarnição e com tão gloriosa morte lhe lavrou a preciosa coroa do martírio no dia 29 de abril do ano 1252, aos quarenta e seis de sua idade.

Foi conduzido o santo corpo a Milão, onde foi enterrado com grande pompa e solenidade na igreja de Santo Eustórgio, titular do convento dos pregadores. Fez-se desde logo tão gloriosa sua memória pelos milagres que obrou o Senhor por sua intercessão que o papa Inocêncio IV o pôs no catálogo dos santos ainda antes de cumprir-se o ano de sua morte e expediu o mesmo ano em Perúsia o decreto de sua canonização. Levantaram o sagrado corpo e, havendo estado alguns dias exposto à pública veneração, foi colocado num sepulcro de mármore. No ano de 1340 fez-se segunda trasladação durante o capítulo geral dos dominicanos, que se celebrou em Milão, e colocaram-se as relíquias em outro sepulcro de mármore muito mais suntuoso que o primeiro, dentro de uma capela baixa; e, enfim, no ano de 1651 fizeram os padres dominicanos nova trasladação da sagrada cabeça, preciosamente engastada numa rica urna de ouro e de cristal, a qual colocaram numa das capelas mais suntuosas e magníficas da igreja.

# São Roberto, Abade e Fundador

São Roberto, primeiro fundador da esclarecida ordem de Cister, que depois propagou São Bernardo, nasceu na Champanha, província da França, pelos anos do Senhor de 1024. Seu pai Tierri e sua mãe Ermegarda, mais ilustres pela pureza de seus costumes que pela nobreza de sua linhagem, aplicaram-se a educar o menino no conhecimento das letras e nas máximas da virtude, tendo-o sempre a seu lado. Desde sua mais terna infância descobriu este uma grande inclinação ao retiro e um ardente desejo de viver unicamente para Deus: assim, apenas tinha quinze anos, renunciando ao século, retirou-se à abadia de Montier-la-Celle, mosteiro de beneditinos, perto da cidade de Troyes. Seus progressos na perfeição foram tão rápidos que em pouco tempo foi o exemplo e a admiração daquela comunidade, de tal modo que, havendo morrido o prior dela, não obstante os poucos anos que ainda tinha Roberto, elegeram-no os monges em seu lugar, e não tiveram que arrepender-se da eleição.

Alguns anos depois foi eleito por abade de São Miguel de Tonnerre, em cujo mosteiro se aplicou a restabelecer a disciplina regular, que se havia relaxado notavelmente. Mas teve o sentimento de ver que suas boas intenções eram contrastadas por aqueles mesmos que deveriam ajudá-lo; e, não achando naqueles monges mais que espíritos rebeldes e corações endurecidos, desesperando de poder trazê-los à observância da regra, determinou abandoná-los.

Havia não longe de Tonnerre um deserto chamado Colan, aonde se haviam retirado sete anacoretas para viver nos exercícios da contemplação e da penitência. Mas estavam sem superior a quem obedecer e sem diretor que os guiasse; e, noticiosos da eminente santidade de Roberto, enviaram pedir-lhe com instância que tomasse a seu cargo o dirigi-los e fosse viver com eles. O santo encontrou alguns obstáculos para aceder a seus desejos; mas, havendo-os removido, rendeu-se por fim às instâncias dos solitários e foi em busca deles, os quais o receberam como a outro Moisés que ia dirigi-los, através do deserto desta vida, à verdadeira terra de promissão.

Achando Roberto que a solidão de Colan era muito insalubre, julgou oportuno retirar-se com seus discípulos à floresta de Molesme. Nela construíram com ramos de árvores umas pequenas celinhas e edificaram um oratório com a invocação da Santíssima Trindade. Bem logo se estendeu por todas as partes a fama dos novos solitários, e não se falava mais que da austeridade de suas penitências. Sua pobreza era tão grande que muitas vezes lhes faltavam as coisas mais necessárias à vida. Mas muitas pessoas das imediações, excitadas pelo exemplo do bispo de Troyes, acudiram com uma espécie de emulação a socorrer suas necessidades: à escassez sucedeu a abundância e à abundância a relaxação da disciplina. O santo abade quis deter os progressos com paternais admoestações; mas, vendo que não se fazia caso delas, abandonou Molesme, como havia abandonado São Miguel de Tonnerre.

Retirou-se ao deserto de Aux, para estar com os monges que viviam nele com muito fervor e simplicidade de vida. São Roberto subsistia como eles do trabalho de suas mãos e dava a maior parte do tempo à oração e à meditação. Não tardaram estes religiosos em conhecer o tesouro que possuíam em Roberto, admirando nele um varão consumado na ciência do espírito; e assim logo o nomearam superior. Apenas souberam isto os monges de Molesme, envergonharam-se de havê-lo obrigado a abandoná-los; alcançaram do sumo pontífice e do bispo de Langres que ordenassem a Roberto que voltasse a Molesme; prometeram-lhe ao mesmo tempo que seriam mais dóceis a seus mandatos e se conformariam em tudo a suas instruções. Com isto não diferiu o santo dar a volta a Molesme; mas logo se desenganou das promessas daqueles monges e conheceu que só o haviam chamado por miras temporais: sua conduta continuou sendo a mesma, ao menos por algum tempo.

Contudo, não eram tais as desordens que reinavam em Molesme como alguns autores quiseram pintar; sua relaxação consistia, segundo Roberto do Monte, em que os monges abandonavam o trabalho de mãos, recebiam oblações dos fiéis e introduziam inovações em seus hábitos contra a vontade expressa do abade. Nem era tampouco geral a relaxação. Não faltavam monges que, ouvindo todos os dias ler no capítulo a regra de São Bento, clamavam por sua observância em todos os seus pontos; mas, como a maioria da comunidade se opusesse à reforma, desejosos de praticá-la em si mesmos, dirigiram-se ao abade pedindo-lhe a permissão de retirar-se a algum lugar solitário onde pudessem observar a regra em toda a sua pureza. Conheceu o santo que esta era uma inspiração do céu; e assim não só acedeu a suas instâncias, mas lhes prometeu acompanhá-los. Para esse efeito dirigiu-se com seis monges em busca de Hugo, arcebispo de Lião e legado da Santa Sé; e, havendo-lhe exposto as razões que tinha para deixar Molesme, persuadido delas o legado, não só o permitiu, mas lhe mandou retirar-se aonde julgasse oportuno para estabelecer a perfeita observância da regra.

Logo que Roberto voltou a Molesme, uniram-se-lhe todos os monges fervorosos que havia e, saindo juntos em número de vinte e um, foram estabelecer-se na selva de Cister, a cinco léguas de Dijon, na diocese de Chalon-sur-Saône. Os ativos solitários puseram-se a desmontar uma parte daquele terreno e construíram suas celinhas; tudo com consentimento de Gautero, bispo de Chalon, e de Reinaldo, visconde de Beaune, senhor daquele país. Fez-se a nova fundação em 24 de março de 1038 [^2], dia de São Bento; e daqui data a origem da ordem de Cister.

Considerando o arcebispo de Lião que os novos solitários não poderiam subsistir sem o amparo de uma pessoa poderosa, escreveu a seu favor a Eudes, duque de Borgonha, que os tomou sob sua proteção, acabou a suas expensas a fábrica do mosteiro, proveu-os por muito tempo de todas as coisas que lhes faziam falta e lhes assinalou por último rendas fixas e bastante consideráveis para manter-se. O bispo de Chalon erigiu em abadia o novo mosteiro e deu sua direção a Roberto. A vida que se fazia em Cister era exemplaríssima. Não dormiam os monges mais que quatro horas da noite e empregavam outras quatro em cantar os divinos louvores; pela manhã trabalhavam quatro horas e depois liam até nona; ervas e raízes eram todo o seu alimento.

No seguinte ano da fundação de Cister, os monges de Molesme enviaram deputados a Roma para solicitar a volta de Roberto. Alegaram por razões que era seu abade; que a disciplina regular havia sofrido muito depois de sua saída; que só sua presença podia restabelecer a ordem e que a salvação dos monges dependia dela. Convieram na sem-razão de seus procedimentos anteriores e prometeram fazer todo o possível para que o santo não tivesse que queixar-se deles no sucessivo. O papa Urbano II deu encargo ao arcebispo de Lião para arranjar este negócio e enviar o santo a Molesme se disso devesse resultar um bem positivo.

Examinado tudo pelo legado, enviou ordem a Roberto para que voltasse a seu primeiro mosteiro. O santo obedeceu ao ponto e, entregando seu báculo pastoral ao bispo de Chalon, que o dispensou de todas as obrigações que havia contraído com ele, foi de novo eleito abade de Molesme pelo bispo de Langres. Governou santamente aquela comunidade até o fim de seus dias e acabou sua longa vida com uma preciosa morte no ano de 1110. Os milagres que o Senhor obrou em seu sepulcro acreditaram sua santidade e moveram o papa Honório III a colocá-lo no número dos santos.

# Martirológio Romano

Em Milão, São Pedro, mártir, da ordem dos pregadores, o qual foi morto pelos hereges em ódio da fé católica.

Em Pafos, em Chipre, São Tíquico, discípulo do apóstolo São Paulo, que o chama em suas cartas caríssimo irmão, ministro fiel e companheiro seu no Senhor.

Em Cirta, na Numídia, os santos Agapio e Secundino, que, depois de haver sofrido um longo desterro naquela cidade, acrescentaram à dignidade do sacerdócio a glória de um ilustre martírio, padecido na perseguição de Valeriano, na qual fizeram os pagãos os maiores esforços para combater a fidelidade dos justos. Com eles sofreram a morte os santos Emiliano, soldado, Tértula e Antônia, virgens consagradas a Deus, e outra mulher com dois filhos gêmeos.

No mesmo dia, sete ladrões que São Jasão havia convertido a Jesus Cristo, os quais chegaram à vida eterna pelo caminho do martírio.

Em Bréscia, São Paulino, bispo e confessor.

Em Cluny, São Hugo, abade.

No mosteiro de Molesme, São Roberto, primeiro abade de Cister.

# Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Petri martyris tui fidem congrua devotione sectemur, qui pro ejusdem fidei dilatatione martyrii palmam meruit obtinere. Per Dominum nostrum...*

**Português:** Nós vos suplicamos, Senhor, que nos concedais a graça de imitar com a devida devoção a fé de vosso bem-aventurado mártir Pedro, que, por dilatar a mesma fé, mereceu conseguir a palma do martírio. Por nosso Senhor...

# Epístola

A epístola é do capítulo 2 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, e a mesma do dia 23 [^3].

**2 Timóteo 2,8-10; 3,10-12**

> **Latim:** 8 Memor esto Dominum Jesum Christum resurrexisse a mortuis ex semine David, secundum Evangelium meum, 9 in quo laboro usque ad vincula, quasi male operans : sed verbum Dei non est alligatum. 10 Ideo omnia sustineo propter electos, ut et ipsi salutem consequantur, quæ est in Christo Jesu, cum gloria cælesti. 10 Tu autem assecutus es meam doctrinam, institutionem, propositum, fidem, longanimitatem, dilectionem, patientiam, 11 persecutiones, passiones : qualia mihi facta sunt Antiochiæ, Iconii, et Lystris : quales persecutiones sustinui, et ex omnibus eripuit me Dominus. 12 Et omnes, qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur.

**Português:** 8 Lembra-te que o Senhor JESU CHRISTO, que nasceo do sangue de David, resurgio dos mortos, segundo o evangelho, que eu prêgo, 9 no qual eu trabalho até estar em prisões, como hum malfeitor: mas a palavra de Deos não está comigo atada. 10 Por tanto soffro tudo pelos escolhidos, para que tambem elles consigão a salvação, que he em Jesu Christo, com a gloria do

ceo. [10] Tu porém já tens compreendido a minha doutrina, instituição, intento, fé, longanimidade, caridade, paciencia, [11] as minhas perseguições, vexações: quaes me acontecerão em Antioquia, Iconio, e em Lystra: quão grandes perseguições soffri, e como de todas me livrou o Senhor. [12] E todos os que querem viver piamente em Jesu Christo, padecerão perseguição.

# Nota

«Achando-se São Paulo em Roma em sua segunda prisão, no ano 66 de Cristo, escreveu esta segunda epístola a seu querido discípulo. Insta-o muito para que quanto antes vá vê-lo, levando-lhe seu manto, seus livros e principalmente os pergaminhos, que, ao que se crê, eram a sagrada Escritura escrita e enrolada em pergaminho segundo o uso dos judeus. Exorta-o a que se abstenha de questões inúteis, que só servem para escandalizar e para mover dissensões.»

# Reflexões

Que uma devoção fingida irrite os ânimos e excite a indignação universal, não há coisa mais justa, porque os hipócritas são objeto do ódio de Deus e da aversão de todos os bons. Mas que também se levante o mundo contra a verdadeira piedade e que a virtude cristã padeça uma espécie de perseguição em meio do cristianismo são fatos que só a experiência pode fazer críveis, porque parecem igualmente opostos à religião e à razão.

Por mais que a verdadeira virtude seja sumamente amável por sua aprazibilidade, por seu próprio mérito, por sua humildade; por mais belo, por mais perfeito, por mais brilhante que seja seu retrato, sempre se a olhará com cenho. Sempre parecem suas feições grosseiras, seu semblante macilento, suas cores sombrias, seu ar fero e desdenhoso; porque não é a razão, mas o coração estragado dos libertinos o que julga da virtude. Daqui nasce aquele desenfreio tão geral contra a piedade cristã: enquanto é universalmente aplaudida a licença dos costumes, está exposta a pobre devoção a todos os tiros da mais maligna crítica. Cada um julga que tem direito para censurar, para desacreditar, para morder as pessoas devotas; apenas acham abrigo estas pobres contra a murmuração. De onde provém esta antipatia tão universal, e qual é a verdadeira causa desta injusta perseguição?

Os ímpios perseguem a virtude por ódio, os indevotos por vingança, os indiferentes por inveja, os grandes por orgulho, os plebeus por despique, por capricho ou por humor. Mas desde quando é delito o não ser um tão mau ou pior que outro? Até aqui havíamos ouvido, até aos mesmos gentios, que o nome só de cristão levava em sua ideia a prática de todas as virtudes, equivalendo ele só a uma apologia. Quem havia de crer que em algum tempo pudesse haver cristãos que desaprovassem a pureza dos costumes e uma vida arranjada às máximas do Evangelho?

Assombroso é que entre homens que professam todos uma mesma religião se encontrem censores tão ímpios e tão irracionais; mas cessa a admiração quando se examina a verdadeira causa que

põe de tão mau humor estes desapiedados críticos. Uma dama que se reforma é uma muda, mas insuportável, censura de outras cem que, conhecendo muito bem que têm mais necessidade de reformar-se que ela, não têm a resolução e o juízo que é mister para fazê-lo. Os bons exemplos de uma senhorita regular são outras tantas repreensões da que tem pouca cabeça, e isto a obriga a soltar sua maldita língua em toda ocasião contra as devotas.

Um jovem de costumes cristãos é uma viva e penetrante lição a todos os seus companheiros dissolutos, que em vista de seu exemplo conhecem a indispensável necessidade que têm de reformar-se. Sente-se não sei que secreto dissabor e enfado de que os que antes não eram melhores que nós hajam aberto os olhos e comecem a ter juízo; faz-se quanto se pode para aborrecê-los, ou ao menos para entibiá-los, por meio de zombarias insulsas e talvez de molestas importunações. Mas, como não se engana facilmente a consciência, cresce o despique com o remorso, e isto é o que põe de tão mau humor os libertinos contra os bons; esta é a verdadeira causa da doméstica perseguição contra a virtude, e isto é o que sempre se deve esperar enquanto houver no mundo mulheres loucas e homens dissolutos. A demasiada luz ofende os olhos fracos e irrita o mau humor. Morde-se, censura-se, satiriza-se os bons, porque os maus quereriam persuadir-se de que não há verdadeira virtude no mundo, para viver tranquilos em sua vida licenciosa e autorizar deste modo a desordem de seus costumes.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João, e o mesmo do dia 14 [^4].

**João 15,1-7**

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

**Português:** [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão

permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

# Meditação

## Primeiro ponto

Considera que a fé viva nos une com Jesus Cristo. O justo vive da fé, e a alma sem ela é como o sarmento separado da videira, que só serve para o fogo. Mas pensas que, quando vier julgar o Filho do homem, encontrará muita fé sobre a terra? Acharia muita se viesse julgar hoje em dia? É certo que há muitos cristãos; mas há muitos verdadeiros fiéis? Aquela fé que venceu o mundo, dissipando os erros, desterrando o vício, corrigindo os costumes, aquela fé tão poderosa em obras, tão fecunda em virtudes, tão eficaz em milagres; aquela fé que deu à Igreja mais de dezessete milhões de mártires, que povoou os desertos com um número quase infinito de solitários, esta fé, digo, vive verdadeiramente em mim? Minhas máximas, meus costumes, minha conduta dão a conhecer esta fé? O que só tivesse uma notícia especulativa do verdadeiro cristão persuadir-se-ia de que eu o era só com ver-me e observar-me?

Meu Deus, que contrariedade tão monstruosa se nota no que creio e no que faço! Cremos que somente fomos criados para Deus; isto é, que não foi mais criado o sol para alumiar nem o fogo para arder que nós o fomos para amar a Deus e para servi-lo. Estão contados todos os nossos dias, e nem o mesmo Deus pode dispensar-nos por uma só hora da estreita obrigação que temos de servi-lo e amá-lo. Tudo aquilo a que nos deu na veneta dar o título de grande, negócios importantes, projetos magníficos, empresas arriscadas, tudo é bagatelas, tudo é nada, quando Deus não é o motivo disso. Esta é a verdade fundamental de nossa religião; esta é a base sobre que estriba todo o edifício do cristianismo; a saber: o persuadir-nos e crer firmemente que nenhum objeto criado nos pode fazer felizes e que a posse só de Deus pode satisfazer aquela veemente ânsia que temos de sê-lo; que, falando com propriedade, não há outro bem sólido e verdadeiro senão só Deus, e que o único meio de possuí-lo é viver segundo as máximas do Evangelho; finalmente, que, se Deus não é nossa suma felicidade, de necessidade há de ser nossa suma desdita.

Cremos que o pecado é o maior mal do homem ou, por melhor dizer, que é o único verdadeiro mal; convimos também em que só a virtude nos pode fazer ditosos ainda no mundo e em que nosso grande negócio, nosso único negócio é salvar-nos. Tampouco se pode dizer que ignoramos a dificuldade que há de haver em salvar-se nem as terríveis consequências que se seguem de perder-se. Cremos que depois desta vida se segue uma eternidade feliz ou uma eternidade infeliz e

que a morte, ainda que seja a mais imprevista, é o momento decisivo de nossa sorte eterna. Cremos que há inferno e cremos que a espantosa infinidade e eternidade de tormentos que se padecem nele é justo castigo de um só pecado mortal. Este é um compêndio das verdades mais essenciais que cremos; isto é o que fazemos profissão de crer e o que é mister crer indispensavelmente; isto é, meu Deus, o que eu creio. Mas como se compõe com isto minha desordenada vida?

# Segundo ponto

Considera que é bem estranho que haja alguns cristãos que se esforcem em não crer o que temem; mas é menos estranho que se encontrem não poucos que fazem ostentação de não temer aquilo mesmo que creem? Pode haver mais impenetrável mistério de iniquidade? Render-se o entendimento à lei e rebelar-se o coração contra seus preceitos; religião santa e costumes estragados nos que a professam; crer tudo aquilo que impõe uma indispensável necessidade de viver uma vida inocente, exemplar, irrepreensível e viver de maneira que se desminta tudo o que se crê! Na verdade é deplorável a sorte dos infiéis; mas a desordem da maior parte dos cristãos promete a estes melhor sorte? Grande desgraça é não viver dentro do grêmio da Igreja, não ter direito à eterna bem-aventurança; mas será desgraça menor ser filho da Igreja e fazer-se indigno da eterna bem-aventurança a que se tem direito? E, em realidade, que será menos mau: ou não crer o que há obrigação de crer, ou não fazer quase nada do que se crê? Por qual destas duas partes me compreendem estas concludentes reflexões? Qual é minha fé e quais meus costumes? Eu creio, porque enfim me causaria horror o ser infiel; mas vivo como cristão?

Creio que o inferno, que uma eterna desdita, é pena justa do pecado mortal; e contudo peco! Creio que Jesus Cristo, meu Senhor, meu Redentor e meu Juiz, está realmente presente no sacramento do altar; e estou sem respeito, sem devoção, sem um reverente tremor em sua presença! Atrever-me-ia a pôr-me diante dos grandes do mundo com a mesma imodéstia, com a mesma liberdade com que me apresento na igreja? Sei muito bem o que é e o que vale uma missa; e com que devoção, com que solicitude assisto a ela? Ó Deus, e que terrível efeito faz no coração de um moribundo esta oposição de fé e de costumes! Que pensarei eu mesmo naquela fatal hora que dentro de pouco tempo há de decidir de minha sorte eterna?

Crê-se que há inferno, e peca-se! Aquela mulher profana, cuja consciência é um caos e que idolatra o mundo, crê as verdades do Evangelho, crê que há inferno!

Aqueles homens perdidos e dissolutos, cuja vida é uma cadeia de maldades, que se mofam com a maior insolência de tudo quanto respira devoção, que fazem troça até do inferno mesmo, creem que há inferno!

Aquela gente ociosa e mandriona; aqueles idólatras da diversão, do regalo e do deleite, que passam a vida num afetado esquecimento de Deus, numa delicadeza gentílica, que só têm um banho, uma superfície de religião; aqueles homens que tudo sacrificam a um vil interesse e a outras mil torpes paixões: todos estes creem que há inferno!

Estremece-se um com a só consideração do inferno; e contudo, à vista deste mesmo inferno, peca! Talvez não se crerá esta terrível verdade; mas se crê, porque senão, a que fim se clama tanto pelo confessor à aproximação de uma morte que ameaça? Mas valha a verdade: poder-se-á ajustar uma vida gentílica com as máximas da religião naquele mesmo momento em que se expira? Entre a conversão e a morte é mister que medeie algum tempo.

Amo-me muito para querer condenar-me; mas vivo de maneira que não possa temê-lo? Se se considera o que creio e como vivo, poderei racionalmente esperar que me salvarei? Quantos dos que meditam isto desesperariam da salvação de outro que vivesse como eles vivem!

Ah meu Deus, que seria de mim, qual seria minha sorte, se neste mesmo instante houvesse de ir dar-vos conta de minha vida! Servir-me-ia de desculpa dizer que não o pensava? Pensando-o estou agora; mas minhas obras desmentem minha fé, meus costumes contradizem minha religião. E contentar-me-ei com só considerar que seria digno da maior compaixão se morresse agora; que eu seria o primeiro em condenar-me se comparecesse no supremo tribunal; que meus costumes clamariam contra mim e que minha iniquidade pede justiça? Senhor, pois não quereis a morte do pecador, mas que se converta e viva, assisti-me com vossa graça, que com ela de hoje em diante meus costumes, minhas máximas, minha vida corresponderão a minha fé.

# Jaculatórias

> *Credo, Domine: adjuva incredulitatem meam.* Mc 9.

Eu, Senhor, creio; mas fortalecei minha pouca fé.

> *Domine, adauge nobis fidem.* Lc 17.

Senhor, aumentai-nos a fé.

# Propósitos

1. Ainda que a fé, por assim dizer, é virtude do entendimento, a falta de fé é vício da vontade. Consiste a fé num perfeito rendimento destas duas potências: por isso a infidelidade é igualmente fruto de um coração estragado e de um entendimento orgulhoso. Quando se viu humilde um heresiarca ou algum herege? Nenhum há que não prefira obstinadamente seu próprio juízo ao juízo de toda a Igreja e até às soberanas luzes do mesmo Espírito Santo. Viu-se nunca que um herege se haja submetido de boa-fé às constituições dos papas ou ainda às decisões dos concílios? Crê o

herege que só nele reside o espírito de Deus: *Ego sum videns* [^5]. «Eu só sou o que tenho boa vista.» Pode haver mais lamentável cegueira? E contudo este é o verdadeiro caráter de todos os que adoecem da falta de fé. Impõe-te, pois, uma lei de sujeitar teu juízo, tua razão, teu estudo, todo o teu saber a quanto decidirem teus prelados e especialmente a Santa Sé apostólica. Falando a Igreja, todos devem obedecer, todos calar. Neste ponto o rendimento de todo verdadeiro cristão há de chegar a uma suma delicadeza. Sentir grande dificuldade em sujeitar-se cegamente e estar muito pago de seu entendimento e de suas luzes é sinal do espírito de erro. Os de curta capacidade e de poucos conhecimentos sujeitam-se mais dificilmente; daqui nasce que os pretendidos sábios, os ignorantes e as mulheres são os que com maior dificuldade depõem suas preocupações. Compreende bem a malignidade deste defeito e prevê todas as suas fatais consequências. Faze uma santa vaidade de não querer crer senão o que a Igreja crê; de não ver senão o que ela te põe diante; de não falar senão a linguagem que ela fala, ignorando e fazendo gala de ignorar qualquer outra algaravia.

2. Exercita-te entre dia em muitos atos de fé e procura desde logo tomar este santo costume, repetindo-os, não só quando assistas à missa e demais exercícios de religião, mas em meio de outras ocupações durante o dia. A origem das desordens é a debilidade da fé; estes frequentes atos a alentam, a excitam e a avivam. Dize com aquele pai de quem fala o Evangelho: *Credo, Domine: adjuva incredulitatem meam.* Eu, Senhor, creio; mas fortalecei minha pouca fé. Outras vezes dize com Marta: *Utique, Domine, ego credidi, quia tu es Christus Filius Dei vivi, qui in hunc mundum venisti.* Sim, Senhor, eu creio firmemente que vós sois Cristo, Filho de Deus vivo, que viestes ao mundo para redimi-lo. Ou enfim com os apóstolos: *Adauge nobis fidem:* Senhor, aumentai-nos a fé.

[^1]: O original traz «Gregorio XI», evidente erro (em 1232 era papa Gregório IX). [^2]: O OCR traz «1038»; a fundação de Cister é geralmente datada de 1098. Mantém-se aqui o dia indicado no original. [^3]: O original remete à «pág. 540» da edição consultada; a epístola é 2 Tm 2,8-10 e 3,10-12, a mesma do dia 23. [^4]: O original remete à «pág. 309»; o evangelho é Jo 15,1-7, o mesmo do dia 14. [^5]: No original, «Reg. 9», isto é, o Primeiro Livro de Samuel (Primeiro dos Reis na Vulgata), 9,19.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:37 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:37 by Admin